

cecília meireles: a obra no tempo

A revista *Opiniões* chega a seu vigésimo volume. Esta é uma edição comemorativa, que se propõe a celebrar os 120 anos de Cecília Meireles e os 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo.

Embora o nome Cecília Meireles (1901-1964) tenha se firmado na tradição de poesia em língua portuguesa do século XX, não é incomum sua vinculação, por um lado, à poesia infanto-juvenil ou, por outro, a um tipo de poesia espiritualista, vaga e, por vezes, inacessível. Nos dois casos, encontramos certa tendência de afastar a obra de Cecília da realidade de seu tempo, o que levou à crença em um alheamento do mundo incoerente com sua intensa participação em debates culturais, educacionais, políticos e artísticos. Levou, o que é mais sério, ao pouco conhecimento de uma vasta produção de crônicas, ensaios, traduções e desenhos muito reveladora, que pode, certamente, instigar novas leituras da própria poesia de Cecília.

Com a intenção de não apenas celebrar uma data, mas sobretudo investigar essa multiplicidade esquecida da obra de Cecília Meireles, em 2021 o Colóquio Internacional Cecília Meireles: 120 anos foi realizado pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), que reuniu diferentes pesquisadores. O convite era ler, debater e analisar as várias facetas da escritora, explorando não apenas sua obra poética, mas também as crônicas, as traduções, os desenhos, seu trabalho como jornalista e educadora. O evento tomou forma e, diante das possibilidades permitidas pelo formato *online*, nasceu a ideia de integrarmos universidades em uma proposta de publicação que tivesse como tema a celebração dos 120 anos de Cecília Meireles.

Este número surge, então, de um encontro entre pesquisadoras do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Universidade de São Paulo (USP) e da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e a Comissão Editorial da *Revista Opiniões*, que gentilmente aceitou levar adiante a celebração do aniversário de Cecília, expandindo a proposta de investigação para outros públicos em um formato diferente do evento inicial.

Aqui se reúnem, portanto, estudos que propuseram novos olhares sobre a obra de Cecília Meireles. Para contemplar – ao menos parcialmente – os diversos campos de interesse da obra de Cecília Meireles e as motivações políticas, culturais e educacionais que a mobilizaram, procuramos perpassar sua vasta produção textual, desde sua atividade como poeta, até sua atuação como jornalista, educadora

e artista plástica, compreendendo essas produções como múltiplas facetas de uma mesma obra, em sua totalidade.

A edição 20 também se dedica a outra comemoração, na seção **Depoimentos**: os 50 anos do Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP (PPGLB). Em 2021 ocorreu, também em formato *online*, o evento que celebrou o aniversário do Programa e buscou difundir, em novos círculos, registros e suportes, a iniciativa de recuperação da memória do Programa. Considerando sua importância para os estudos de literatura e para a pesquisa e resistência das humanidades no Brasil, damos destaque à seção Depoimentos, que reúne relatos de professores fundamentais para a existência do PPGLB: Alcides Villaça, Flávio Wolf de Aguiar, Luiz Roncari e Nádia Battella Gotlib. Há, ainda, um informativo texto de abertura, que relembra a história do Programa e do evento celebrativo.

Inicialmente, a seção **Dossiê** reúne quatorze trabalhos que investigam a obra de Cecília Meireles em múltiplos sentidos. No artigo que abre a seção, “Sobre a distância”, Mariana Carlos Neto propõe uma leitura centrada no poema “Irrealidade”, desdobrando-o a partir da análise de um comum exercício encontrado na poética ceciliana: o afastamento do sujeito poético de si e do mundo mais imediato, que parece uma alternativa para a experiência desgastada do sujeito na modernidade.

Na sequência, em “Cecília humanista: de cabeça de motim à arte de ser feliz”, Denilson Silva nos apresenta uma Cecília politicamente atuante e, para isso, percorre sua participação na luta pelo bem comum e destaca, a partir de um motim que liderou no período estudantil e de uma leitura atenciosa de suas crônicas, a sua resistência à tirania e ao individualismo, centrada no humanismo. Seguindo direção semelhante, o artigo de Valéria Lamego explora a importância do conceito de liberdade para a obra de Cecília Meireles, desde seus escritos e lutas juvenis, nas décadas de 1910 e 1920, passando pela luta por uma educação moderna durante a Revolução de 30. A partir da leitura de textos publicados no Diário de Notícias, Lamego compara as proposições de Cecília com as expressas por Simone Weil.

Já em “Das minhas altas varandas: distância e comunicação na obra de Cecília Meireles”, Paola Resende analisa a varanda como elemento fronteiriço importante que, capaz de conjugar mundos, coaduna três tópicos centrais na poética ceciliana: o aspecto de divisa, a especificidade do olhar e o *tópos* marítimo.

A recepção da obra de Cecília é tema do artigo “Drummond, leitor de Cecília”, em que Sara Begname lê uma série de textos críticos, publicados em periódicos desde os anos 1920 aos anos 1970, nos quais Drummond discute a obra de Cecília. A autora questiona a fabricação da poeta como uma entidade divina, habitante dividida entre os planos terreno e onírico.

Na sequência, Camila Marchioro investiga as “formas de Deus” presentes na obra de Cecília, especialmente no livro *Canções* (1956). O artigo se direciona a uma leitura fenomenológica do livro, a partir de Edmund Husserl, *Yoga Sutra* (de

Patanjali) e o Zen budismo, considerando a existência de um Deus encoberto após perceber a configuração de um Deus aparente e um Deus indeterminado em livros anteriores. A relação de Cecília Meireles com a Índia é investigada ainda no artigo seguinte, de Ana Amélia Batista dos Reis, que desenvolve uma análise sobre o diálogo entre Cecília Meireles e Sarojini Naidu.

Ainda sobre a relação de Cecília Meireles com outras tradições, Mariana Oliveira explora a atração transatlântica exercida pelos Açores sobre a poeta em “A ilha de Cecília Meireles”, ao investigar as relações entre Brasil e Portugal na obra em prosa e em verso de Cecília Meireles e a metáfora da ilha utópica, como a “Ilha do Nanja”, com auxílio da teoria das ilhas. No artigo seguinte, Sheila Dálio investiga temas femininos na obra de Cecília, demonstrando como esse repertório estético, muitas vezes ligado à tradição romântico-simbolista, aproxima-se da experiência cotidiana e contemporânea, redimensionando a linguagem sublime, o que constitui fenômeno característico da singular modernidade de Cecília Meireles.

A produção plástica de Cecília Meireles é tema do artigo de Vivian Lopes, que estuda os desenhos publicados de Cecília Meireles a partir de três questões: a linha caligráfica e a síntese poética, a instabilidade e o fragmento e a pesquisa de gestos. Em “Entre o quintal e o terreiro: Vieira da Silva no portão da infância de Cecília Meireles”, Amanda Tavares analisa uma série de seis nanquins e um guache intitulado *Souvenir de Cecília*, de autoria de Vieira da Silva, que provavelmente ilustraria o livro *Olhinhos de Gato*. A partir de uma leitura cuidadosa dos desenhos e de sua relação com o livro, Amanda investiga os interesses de Cecília pela cultura popular e o modo como eles reverberam no trabalho e na experiência de Vieira da Silva no Brasil.

Em seguida, Amanda Angelozzi dedica-se ao estudo de traduções comentadas da língua portuguesa para a língua italiana dos poemas infantis “Colar de Carolina” e “Jogo de Bola”, de *Ou isto ou aquilo*. Seu artigo pensa o esforço do tradutor como o da criança que se equilibra e precisa inventar para completar sua amarelinha, em diálogo com Aubert (1993), Calvino (2015), Jakobson (2001) e Paz (2009).

Por fim, Keila Vieira debruça-se sobre um conjunto de crônicas de Cecília Meireles, publicadas no *Diário de Notícias*, a partir de 1930, cuja temática se debruça sobre a educação. Além de analisar a figura múltipla de Cecília Meireles, são analisadas algumas representações da escritora sobre a figura dos docentes.

A recente organização de *Um país no horizonte de Cecília* (2021) é um exemplo de trabalho que busca levar a público textos assinados por Cecília que permaneciam inéditos. Bruna Feitosa dedica-se à apresentação do livro na seção **Resenha**, em que destaca o trabalho do historiador Gustavo Henrique Tuna em organizar 9 ensaios-reportagens publicados na revista *O Observador Econômico e Financeiro*, entre 1939 e 1940. Nos textos, vemos Cecília desempenhando, com argúcia, o papel de repórter, ao refletir sobre questões como o papel do professor, os desafios para a formação de um sistema de ensino que forme adequadamente os

jovens, especialmente no contexto de proposição da Educação Nova, a posição da mulher nas relações de trabalho e na sociedade em geral. Para Bruna, os textos mostram uma escritora atenta a problemas centrais de seu tempo, capaz de elucidar seu panorama sócio-histórico sem deixar de lado o fator humano.

Na **Entrevista**, Mariana Carlos Maria Neto, Paola Resende e Sérgio Alcides conversam com Antonio Carlos Secchin, que organizou edição da *Poesia Completa* de Cecília Meireles, publicada pela Editora Nova Fronteira em 2001. O crítico defende a complexidade da obra de Cecília e a importância da ausência e do universo imaginário em sua poética, opondo-se a leituras que interpretam esses aspectos como índices de ingenuidade ou de alheamento ao mundo. Secchin ainda fala sobre textos de Cecília que permanecem inéditos e sua relevância para o pesquisador que deseja recuperar as páginas em ficaram perdidas as faces da poeta.

Fomos contempladas com a parceria de Fernanda Meireles, neta de Cecília Meireles, que, com grande generosidade, organizou e comentou uma série de poemas de Cecília, cuidadosamente selecionados para a seção **Coletânea**. A maioria dos textos foram publicados em periódicos, mas excluídos de edições em livro posteriores. Fernanda escreveu, ainda, um relato memorialístico em que recria, a partir de lembranças de sua infância, cenas da convivência com Cecília Meireles, nas quais podemos reconhecer a importância do brinquedo, da invenção e do livro para Cecília e sua relação investigativa com a infância, assim como podemos vislumbrar parte do cotidiano de sua atividade de escritora. O gesto de Fernanda integra um amplo esforço de divulgação da obra de sua avó, feita sobretudo pelas redes sociais.

Na seção **Criação Literária**, lemos os poemas de Guilherme Pavarin, Dheyne de Souza, Carlos Eduardo de Campos, Márcia Marina e as produções em prosa de Laura Cohen, Leonardo Vieira, Jenifer Ianof, Douglas Ferreira, Yasmeen Cunha, Sergio Schargel e Maitê Alegretti.

Em **Tradução**, Guilherme Cunha Ribeiro apresenta a tradução de quatro sonetos do poeta francês Jean de Sponde (1557-1595), além de ricos comentários sobre vida e obra do escritor. Os poemas integram uma sequência de 12 sonetos sobre a morte e trabalham temas da inconstância da vida humana, oposta à constância da vida terrena, e da irreflexão com que os homens levam suas vidas. Do título *Solombra*, último livro de poesia de Cecília Meireles, Guilherme retira saída para construção de uma rima do soneto 6.

Agradecemos, ainda, a Vivian Lopes, que fez as aquarelas que ilustram esta edição.

Editoras da Opiniões n. 20

Mariana Carlos Maria Neto, Mariana Diniz
Mendes, Paola Resende e Sara Begname.